

## **Nuances atualizadas de uma cultura fragmentada**

### **Festas folclóricas típicas do Brasil que parecem estar esquecidas do imaginário popular são realimentadas pelo CD *São João Pra Dançar*, de Cláudio Pinheiro**

*Diego Antonelli*<sup>1</sup>

É possível observar que a população brasileira, nas últimas décadas, acostumou-se a importar costumes (por vezes, estereotipados), provenientes de outras nações de forma cada vez mais acentuada e freqüente. Este fato é capaz de denotar um lapso cultural do povo brasileiro em relação às tradições enraizadas em solo verde-amarelo desde o seu suposto “descobrimento”. Tal esquecimento faz com que os próprios brasileiros tratem de forma preconceituosa algumas festas populares, o que possivelmente pode provocar uma gradual redução das comemorações que ainda permeiam o cotidiano de muitos brasileiros.

No Brasil há uma onda de civilizações heterogêneas, na qual diversas culturas convivem dentro do mesmo território. No entanto, essas pequenas ‘sociedades’ não deveriam apresentar-se estáticas e isoladas, pois, em tese, o próprio movimento imigratório dentro da região possibilitaria um contato entre aspectos culturais distintos. Isso não quer dizer que uma cultura assimilaria outra, mas que teriam a capacidade de reinterpretar elementos oriundos de fora de cada sociedade. Muito embora, esse fato pareça ocorrer naturalmente, muitos movimentos culturais peculiares da nação brasileira permanecem, infelizmente, territorializados em conteúdos particulares.

Um exemplo folclórico desses movimentos tipicamente brasileiros deslocados do restante do país é a festa junina. Pouco comemoradas e, até mesmo, lembradas pelas pessoas que moram nas regiões sul e sudeste do País, as festas juninas ainda mexem com o imaginário e alegria da população nortista e nordestina do Brasil. A comemoração das festas juninas tem origem na França, no século XII, como comemoração à época das colheitas na região. E chegou em terras brasileiras como herança da colonização portuguesa.

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-mail: diego-antonelli@bol.com.br

Como aconteceu com outras festas pagãs, a festa junina adquiriu um sentido religioso introduzido pelo cristianismo às aldeias brasileiras. Devido a isso, celebra-se, durante todo mês de junho, os dias de Santo Antônio, São Pedro e São João.

‘São João’ é o modo como os nordestinos se referem ao ciclo das festas do mês de junho. No referido período, muitas pessoas que vivem em outros estados tentam retornar para suas cidades a fim de comemorar os santos. Episódio que confirma o tamanho da valorização que os nordestinos mantêm sobre a cultura nacional. As festas de São João, como o próprio nome sugere, provocam uma interação entre diferentes classes sociais em nome da religião.

Tratam-se, na verdade, de celebrações em nome dos credos que se caracterizam como uma espécie de ex-votos. O povo se reúne em determinada época do ano para comemorar graças obtidas pelos santos ou apenas a existência deles e como consequência ocorre uma interatividade entre essas pessoas.

Sobre esse período festivo do ano é que Cláudio Pinheiro lançou o CD *São João Pra dançar*, fabricado pela gravadora cearense CD+, de Caucaia. Um disco que traz características ímpares da cultura nacional. Acordes de sanfonas, triângulos, zabumbas e toadas são alguns traços musicais que reforçam realmente a idéia da miscigenação social brasileira. Diferentes dos acordes popularescos de guitarra que invadem a programação radiofônica, o som de Cláudio Pinheiro marca, com competência, o verdadeiro som arraigado no Brasil desde o período pré-colonial.

Além dessa qualidade, o músico possui a capacidade, através das letras, de valorizar as belezas próprias do Brasil. Na faixa “Maranhão, meu tesouro, meu torrão”, usufruindo de uma melodia simples, Pinheiro enaltece a história e a cultura do estado, com suas peculiaridades regionais que, mesmo entre os brasileiros, poucos conhecem. Em outras músicas é a vez das praias e das morenas serem homenageados.

Cláudio Pinheiro, que também produziu e foi diretor artístico do disco, participou da montagem dos arranjos e da direção musical junto de Edílson Gusmão e Jonas Torres. Há, ainda, a participação de outros 14 músicos e cantores convidados, tais como: Pedro Oliveira (violino), Rui Mário (acordeon), Júnior Gaiatto (gaita), Wellington Reis (vocal) e Regina Oliveira (vocal).

Deve-se ressaltar que das 13 músicas tocadas e cantadas por Cláudio Pinheiro, apenas três são de sua autoria. As demais foram escritas por outros compositores, como João do Vale, Humberto do Maracanã, Chico Saldanha, César Teixeira, entre outros. Esses ‘desconhecidos’ compositores (ao menos para a grande maioria da população) são capazes de, em simples e melódicas rimas e estrofes, trazer à tona traços marcantes da realidade dos costumes culturais de um povo.

Há faixas, como “Caixinha de Segredos” (composta por Zé Pereira Godão), que tratam de amor. Diferente do amor cantado por alguns compositores que se julgam sertanejos, a música trata do assunto de forma alegre, bonita e, principalmente, sem recair em letras preconceituosas. De um modo geral, as demais músicas são composições que alegam um povo esquecido pelo resto do país, com brincadeiras inocentes e, pode-se dizer, inteligentes. Simultaneamente, o som é propício para uma quadrilha e o disco possui o inédito poder de falar sobre a festa de São João.

Vale abrir um parêntese acerca do costume de dançar quadrilha. Essa dança é considerada francesa acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa. Sua origem ao Brasil remonta a chegada da corte real lusitana, quando também chegaram ao país os modismos da vida européia. Entre esses costumes um dos favoritos era a quadrilha, dirigida por mestres franceses.

A tradição do bumba-meu-boi é também tocada, literalmente, por Pinheiro. Com um ritmo dançante e divertido, “Boi de Catirina” faz menção tanto à dança do boi bumbá, quanto, de forma não-diretiva, à seca que toma conta da região nordestina. Pedidos de desculpa e frases como ‘chora meu boi’ dão margem para que esta interpretação seja realizada.

Em todo CD, Pinheiro mescla baião e forró. Ambos são tratados com devido respeito. Não há pejorativismo no ritmo, muito menos letras apelativas para que as indústrias fonográficas massifiquem de forma distorcida o som. Já que a grande maioria das pessoas crê que festa junina, forró e baião se resumem a dançar, comer, beber e acender uma fogueira. Devido a essa ilusão cultural proporcionada pelos meios de comunicação, seria pertinente ampliar o acesso popular a músicas como as que Pinheiro toca em *São João Pra dançar*.

Assim, seria possível conhecer um pouco mais da realidade brasileira, e o preconceito sócio-cultural que aumenta gradativamente, ao menos, poderia se manter na fronteira do respeito. Afinal, como canta o próprio Cláudio Pinheiro, “minha terra é uma belezinha”.

**Disco:** *São João Pra Dançar*, de Cláudio Pinheiro, produzido por CD+ (Caucaia – Ceará).